

ADOLESCENTES E O DESATINO DO GOZO ¹

Márcia Mezêncio

“... no desatino do nosso gozo, só há o Outro para situá-lo...”, é, como vocês sabem, um aforismo lacaniano, presente em *Televisão*. Eu o colocarei ao lado de outro, retirado dessa mesma obra:

“... creio que se deve recusar o discurso analítico aos canalhas (...) e, se me atrevo a articular que a análise deve ser recusada aos canalhas, é porque os canalhas se tornam bestas, o que por certo é uma melhora, mas sem esperança...”

Lacan se refere, ainda, a outros discursos pelos quais eles deveriam ser julgados. Introduzo aqui essa questão para que, interrogando de início nossa prática, possamos nos orientar. Estamos situados na fronteira de outros discursos, operamos com categorias jurídicas, falamos de sujeitos em risco ou em conflito com a lei, estamos inseridos em dispositivos ligados às políticas públicas.

A psicanálise aplicada é a oportunidade para que o analista interroge seu próprio discurso e os demais a partir dele. Se a lei e a política pública se regem pelo universal, para o psicanalista interessa o modo particular que cada sujeito tem de subjetivar essa lei, a partir da relação que cada sujeito tem com aquilo que para ele funciona como interdição, como limite ao gozo. Um psicanalista tem algo a dizer quando se refere a uma singularidade. A nossa aposta é de que essa prática o habilita a localizar singularidades que se apresentam como sintomas sociais, o que torna possível a aplicação da psicanálise ao sintoma.

UMA CLÍNICA APLICADA AO SINTOMA

Sendo a clínica psicanalítica uma clínica do sintoma, trata-se ainda de saber como a psicanálise pode se inserir na clínica dos novos sintomas, ou seja, aqueles que não têm a estrutura do inconsciente freudiano. Os sintomas atuais colocam um desafio para a psicanálise, pois não apresentam a dimensão de apelo do sintoma freudiano, não apontam para o laço social. Esses novos sintomas, ou sintomas contemporâneos, colocam em cena uma clínica da passagem ao ato e não uma clínica do retorno do recalçado. Estamos diante de uma desagregação do caráter simbólico do sintoma, seu valor de mensagem cifrada, e de um retorno do gozo no real. Esse sintoma não pede nada, nem quer dizer nada. É uma fixação de gozo, uma recusa do inconsciente. Isso implica uma desvalorização da palavra e da transferência.

¹ Notas para uma conversação no Núcleo de Pesquisa em Psicanálise e Direito do IPSMMG, em 12 de maio de 2008.

Senti-me também provocada por uma observação de Serge Cottet, ao aproximar essa afirmação de Lacan à prática de escuta oferecida aos criminosos e aos delinquentes. Sua advertência, que consideramos pertinente, não deve deixar de nos incomodar: trata-se de não sustentarmos uma prática não esclarecida, não orientada para obter a divisão do sujeito, no que diz respeito ao sentido de seu sintoma e à satisfação que dele retira. Oferecer análise ao delinquentes não pode equivaler à oferta de recursos para alimentar, via sentido, os efeitos de vitimização e de não responsabilização.

Tratar o tema na dimensão apropriada — desconstruindo os mitos em torno da violência dos jovens, da sua periculosidade e da impunidade —, e dar voz ao adolescente é uma forma de evitar duas noções extremistas sobre a problemática dos adolescentes em conflito com a lei: por um lado sua vitimização, imputando a responsabilidade de suas ações ao meio em que estão inseridos; por outro, a responsabilização exclusiva do infrator, atribuída à sua índole criminosa.

Como disse, operamos no campo da psicanálise aplicada, que deve ser sempre pensada como aplicada ao sintoma, e devemos nos perguntar se é possível dividir o sujeito que recebemos. Foi também Lacan quem nos alertou para os limites da psicanálise do criminoso e os riscos que ela comporta: é preciso estar atento à articulação da responsabilidade e da punição, para não desumanizá-lo.

Estamos confrontados com sujeitos agentes de sintomas sociais — a infração e a violência — nos quais não se verifica um sintoma subjetivo. Nesta época definida pela inexistência do Outro, como provocar a demanda, dividir o sujeito, reinstalar a crença no sintoma?

Diversos autores coincidem na resposta: é preciso reinstalar a dimensão do Outro ou mesmo retificar o Outro. É preciso o desejo do psicanalista para que os efeitos do inconsciente se manifestem. Trata-se de uma clínica do Outro (articulação demanda-desejo-transferência). A proposta de retificação do Outro visa a possibilitar a implicação do sujeito num laço ou numa transferência com o Outro.

UM OUTRO QUE DIZ *SIM* E A RESPONSABILIDADE DO SUJEITO

Em relação aos adolescentes e seus atos, um pioneiro, August Aichhorn, apontava para a necessidade da função de um Outro que pudesse acolher o ato cego e transformá-lo em mensagem para o próprio sujeito, abrindo o caminho para a transferência e para o consentimento com a intervenção pedagógica. Podemos pensar que a mesma condição se coloca para nossas intervenções hoje ditas sócio-educativas. Devemos saber funcionar como o Outro que diz *sim* e

que faculta ao sujeito outra resposta, outro modo de dizer *não* ao Outro, que não custe o sacrifício ao imperativo mortífero dos gozos contemporâneos.

Orientados pela ética da psicanálise, optamos por não incluí-los, os adolescentes que nos são encaminhados, em categorias, sejam elas jurídicas, sociológicas, sindrômicas (identificações sintomáticas tipo DSM). Recebemos aqueles que não se adaptam às regras do Outro, que não regulam seu gozo em relação ao Ideal e se encontram submetidos à desregulação do gozo, predominando sua versão mortífera, o imperativo do supereu – “goza!”. (Segundo Miller, passamos de uma civilização religiosa (predomínio do Ideal) para uma civilização mercantil (objeto *a*)).

A idade do sujeito para a psicanálise não é cronológica e os sujeitos têm a idade de sua demanda. A adolescência é o momento que aponta para a assunção da responsabilidade de um sujeito por sua palavra e seu ato. É o momento de elaborar uma saída da infância, separando-se da autoridade dos pais. (FREUD, 1905) O adolescente demanda justamente ser escutado e reconhecido como responsável por sua palavra e seu ato, até que o seja social e juridicamente. O fato de não sê-lo, traz uma série de dificuldades para o sujeito na possibilidade efetiva de realizar seu desejo. Questão que traz conseqüências tanto na clínica quanto no espaço social, onde aparece também através dos atos infracionais.

Vemos então que a adolescência se apresenta duplamente como sintoma. Para a psicanálise, as manifestações sintomáticas da adolescência constituem uma resposta ao que Freud chamava “as transformações da puberdade”, isto é, ao encontro com as transformações corporais e com o desejo sexual. Ao deixar a infância, o jovem deve fazer novas escolhas, que implicam uma referência ao sexo, ao Outro, ao amor e aos ideais — o que tem a dimensão de um ato (transgressivo, na medida em que aponta para um novo). No campo social, a adolescência se apresenta como um problema, pois esse novo traz consigo uma ameaça ao laço social, uma descontinuidade da tradição, configurando um problema para o adulto.

Philippe Lacadée (2003) propõe que tomemos o matema $a > I$ — matema da modernidade para Jacques-Alain Miller — como o matema da juventude. Na adolescência coloca-se em jogo um certo gozo e a pulsão se mostra mais forte que toda a aposta sobre o Ideal. Pois se a via do Ideal ou dos Ideais veiculados pelo Outro inclui uma cessação do gozo imediato, a essa cessação, entretanto, o sujeito se recusa.

A falta de referências leva o sujeito a ter que inventar suas próprias soluções e o que se apresenta é que a possibilidade de encontro com o Outro se dá, paradoxalmente, através da ruptura, através do ato, através da violência, que é o modo pelo qual o sujeito tenta salvar sua singularidade.

Há uma violência sintomática que depende da singularidade de cada sujeito e uma violência desencadeada como modo de retorno do real. A violência sofrida e praticada pelos jovens talvez possa ser aí incluída. Deve-se considerar, para além das análises sociológicas, o trabalho subjetivo a ser realizado pelo adolescente, num mundo que não lhe oferece os instrumentos para atravessar “as transformações da puberdade”, orientado pelo ideal paterno.

Lacan advertia que a civilização contemporânea não favorece essa passagem e previa uma generalização da infância. No que isso remete à irresponsabilidade pelo gozo, traria efeitos devastadores de segregação. Segundo Miller, a resposta da psicanálise é a extensão terrorista da responsabilidade, isto é, a aposta e a afirmação de que o sujeito é sempre responsável por sua posição. Falar em nome do outro é justamente mantê-lo em uma posição infantil, irresponsável. Não é este o lugar do psicanalista, porque a clínica sob transferência não admite segregação.

A segregação começa com a negação do “isso se endereça a mim, a mim que sou constituído por este endereçamento, quando minha oferta mesma o produziu”. Os juízes da infância, os educadores notam, pertinentemente, o efeito de retorno dessa segregação naqueles que são nomeados delinquentes: uma ausência de demanda, uma ignorância, certamente lamentável, mas explicável, dos “serviços” que se lhes poderia oferecer. A segregação convoca a segregação e, como disciplina abstrata, sopra as brasas da revolta. (...) Somente a difusão de um saber extraído da prática de uma transferência pode hoje ir contra a segregação. (LÉGUIL, 2001)

Cabe ao analista acolher o que se lhe endereça, criar o espaço de onde possa advir um sujeito responsável. Oferecer, ao sujeito que o procura ou ao que lhe é enviado, a possibilidade de mudar da posição de ser falado para a de falar dos seus atos, mas também de seus sofrimentos. Se o sujeito fala sobre o que fez e o faz em nome próprio, ele pode expressar o seu mal-estar, sua angústia e se assumir responsável pelo que lhe acontece. Mas isso só é possível se o adolescente encontra um lugar e alguém que o escute. “Lacan realçava que o ato do psicanalista visa a manter uma distância absoluta entre I e *a*. Isso o predispõe a intervir sobre o que, na sociedade e no político, concerne ao tratamento dos gozos.” (GUÉGUEN, 2007)

Os efeitos de segregação de nosso tempo são inscritos por meio do discurso do capitalista, que, apesar de assim nomeado, escreve um curto-circuito do discurso, pois apresenta uma relação direta do sujeito ao objeto, não mediada (pelo simbólico e pelo Outro). A notação do discurso do capitalista anuncia um sujeito que prescinde do Outro, um sujeito que goza sozinho. Assim, o discurso capitalista é um pseudo-discurso, que deixa o sujeito sem laço com o Outro.

O DISCURSO ANALÍTICO E UM NOVO ENLAÇAMENTO

A psicanálise propõe uma forma inédita de enlaçamento, que se materializa no discurso analítico. Então, se o que faz laço social é a forma pela qual o sujeito se coloca no discurso, através da experiência da psicanálise, pode-se entrever uma resposta ao tempo em que as diversas formas de segregação se impõem, em uma sociedade de consumo em que a lógica da inclusão-exclusão mascara o mal-estar.

O analista é então chamado a tratar o mal-estar social. Sua função, no entanto, continua a privilegiar o um-a-um, recusando os efeitos de segregação do discurso universalizante da política e da ciência, pois visa à política do inconsciente e à economia do gozo do sujeito preso entre as identificações.

Para concluir, retomo, em intervenção recente de Miller, a seguinte pergunta: Por que psicanalistas nestes tempos de mal-estar? E também a resposta que nos propõe: não é para compartilhá-lo, pois nossa missão é a de reconhecer e elucidar a diversidade dos modos de gozar. Afinal, nesta época em que o Outro não existe e foi substituído pelos objetos *a*, a inserção se faz pelo consumo, que é um esforço desesperado de compensar a falta de gozar estrutural. A posição do analista aponta para um pragmatismo paradoxal em que o *isso funciona* se desloca para um *isso falha*, mas falha de uma boa maneira, não se deixando enganar pela satisfação ilusória do mais de gozar. Insistimos que, se oferecemos um espaço para a palavra do sujeito, não acreditamos na eficácia da escuta desvinculada da ética das conseqüências sobre o dizer. É esse o Outro que pensamos oferecer.

BIBLIOGRAFIA CONSULTADA:

- AICHHORN, A. *Juventud desamparada*. Barcelona: Gedisa Editorial, 2006.
- COTTET, S. *Efeitos terapêuticos na clínica psicanalítica contemporânea*. In: *Efeitos terapêuticos da psicanálise aplicada*. Rio de Janeiro: ContraCapa Livraria, 2005, p.11-40.
- FREUD, S. *Três ensaios para uma teoria da sexualidade (1905)*. Rio de Janeiro Imago, 1976.
- GUÉGUEN, P.-G. *Quatro pontuações sobre a psicanálise aplicada*. In: ASSOCIAÇÃO DO CAMPO FREUDIANO. *Pertinências da psicanálise aplicada*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2007, p.39-48.
- LACADÉE, Ph. *Aichhorn 1925, une version de la psychanalyse appliquée*. In: *La petite girafe*, n.17. Paris: Éditions Agalma, mai 2003, p. 84-91.
- LACAN, J. *Televisão*. In: *Outros Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2003, p. 508-543.
- LAURENT, D. *O psicanalista concernido*. In: ASSOCIAÇÃO DO CAMPO FREUDIANO. *Pertinências da psicanálise aplicada*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2007, p. 39-48.
- LAURENT, É. *O analista cidadão*. In: *Curinga* n.13. Belo Horizonte: EBP-MG, set.1999.
- LAURENT, É. *Dois aspectos da torção entre sintoma e instituição*. In: ASSOCIAÇÃO DO CAMPO FREUDIANO. *Pertinências da psicanálise aplicada*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2007, p. 237-249.
- LÉGUILL, F. *As crianças contumazes*. In: *Curinga* n.17. Belo Horizonte: EBP-MG, nov.2001.
- MÉNDEZ, E. G. *Infância e cidadania na América Latina*. São Paulo: Hucitec/Instituto Ayrton Senna, 1998.
- MILLER, J.-A. *Jacques Lacan: Observaciones sobre su concepto de pasaje al acto*. In: *Revista del cercle psicoanalítico de Catalunya*, out/1988.
- MILLER, J.-A. *Rumo ao PIPOL 4*. In: *Correio* nº 60, Rio de Janeiro: ContraCapa, 2008. (no prelo).
- MORELLI, A. M. *Liberdade Assistida, Liberdade Insistida - Ainda sim Liberdade*. In: *Liberdade Assistida: uma medida*, Belo : no prelo, 2007.

- _____. *Apontamentos para uma conversaço*. X Jornada de Cartéis da EBP-MG. Belo Horizonte março de 2007.
- PEREÑA, F. *La responsabilidad del acto*. In Notas Freudianas 4, Gijón, 1998.
- PIMENTA FILHO, J. A. *Adolescentes, qual transição hoje?* In: Curinga n. 20. Belo Horizonte: EBP-MG, nov/2004.
- _____. *A Adolescência como sintoma* In: Curinga n. 21, Belo Horizonte EBP-MG, jun/2005.
- RECALCATI, M. *A questão preliminar na época do Outro que não existe*. In: <http://www.latusa.coom.br/latmartex72.htm>.
- STEVENS, A. *Adolescência, sintoma da puberdade*. In: Curinga n. 20. Belo Horizonte: EBP-MG, nov/2004.
- TIZIO, H. *Prólogo a la presente edición*. In: Juventud desamparada. Barcelona Gedisa editorial, 2006, p. 9-20.
- VIRTUALIA, *Dossier Violencia*. Revista digital de la Escuela de Orientación Lacaniana, Septiembre - Diciembre 2004, Año III, N. 12.
- VOLPI, M. *Sem liberdade, sem direitos: a experiência de privação de liberdade na percepção dos adolescentes em conflito com a lei*. São Paulo: Cortez, 2001
- _____(org.). *O adolescente e o ato infracional*. São Paulo: Cortez, 6ª edição, 2006.